

Prólogo

MEU NOME É JÁSPER. Se quiser saber por que não é Gaspar, como todo mundo, pergunte a meus pais.

Não garanto uma resposta.

Acho que minha mãe tinha um tio chamado Gaspar, de quem gostava muito. Quando nasci, há mais ou menos dezesseis anos, ela logo pensou nesse nome, mas não quis usá-lo sem o consentimento do tio (o que teria sido difícil, pois na época o tal Gaspar estava quase morrendo).

Vou logo avisando que minha mãe é bastante estranha. Voltarei a isso.

Meu pai conseguiu resolver o problema (uma especialidade sua) dando ao nome uma dimensão internacional (outra de suas especialidades...). Então costuraram Jásper, a versão inglesa de Gaspar, no meu pequeno enxoval.

Uma sorte Gasparzinho ser o fantasma minha camarada, pois foi assim que me chamaram até o fim do ensino fundamental.

Mais tarde, à medida que a puberdade se aproximava, tive que ouvir “Jaspargo”, “Jaspirina” e “Jáspion”. No ensino médio, com a maturidade e a erudição, fui Gaspar, o

Rei Mago, e, por associação, uma “Vaquinha de presépio”, para grande felicidade de um bando de falsos amigos.

Ah, se eles soubessem! Jásper, o Mago, queimador de incenso. Chegaram perto.

Mas nada de magia e plantas por enquanto. Avanço pelas ruas de Paris, esvaziadas pelo vento frio de inverno, as mãos nos bolsos de um casaco preto impermeável (um pouco folgado, mas que eu adoro), minha bolsa-carteiro (companheira inseparável) batendo na perna, lançando olhares atentos aos recantos escuros.

Não, hoje à noite não sou Jásper, o matador, o limpador. Sou apenas Jásper, o emissário, mais ou menos ajustado ao significado (literal) de meu nome: “Aquele que vai inspecionar”.

Aquele que vou inspecionar se chama Fábio.

Fábio. Repito várias vezes o nome e agradeço mentalmente, com fervor, por meus pais terem escolhido Jásper.

Minhas ordens são claras: encarar o tal Fábio (um preâmbulo ao que sei fazer) e lembrá-lo do código de boa conduta dos Anormais.

A saber, ser discreto.

Ficar na sombra.

Invisível, imperceptível.

Viver como quem não existe, ao menos aos olhos das pessoas normais.

Nos últimos tempos, Fábio vem se mostrando exageradamente imprudente. Um homem apresentou queixa à polícia dizendo ter sido agredido por um louco que tentou mordê-lo. Ontem à noite. Duas noites atrás, uma jovem foi levada à Emergência com o pescoço ferido por

uma mordida profunda. Nos dois casos, a Associação foi obrigada a intervir para acalmar os ânimos. E a Associação não gosta de intervir.

Ela prefere prevenir.

Por isso estou aqui hoje, para chamar Fábio à ordem.

Francamente, basta ter sangue-frio (o que vem a calhar), pois não é tão difícil assim para um vampiro se alimentar de maneira adequada!

Continuo plantado esperando, contrariado. Fábio está atrasado. Na esquina da rua Bram Stoker com a Passagem Murnau, onde a Associação tradicionalmente marca os encontros com vampiros, começo a congelar. Meus dedos do pé se encolhem nos pesados sapatos de couro que me tornam ridículo aos olhos das garotas da escola, mas que me permitem caminhar com conforto e por um bom tempo sem que meus pés se transformem numa espécie de queijo podre. Não vou me contentar em encarar o tal Fábio. Vou fulminá-lo com o olhar!

Enquanto visualizo a cena, com deleite, o som de um alarme me sobressalta. A vitrine de uma joalheria ali perto explode de dentro para fora, sob o choque de um corpo que cai na calçada antes de se reerguer e começar a fugir.

Consgo ver o rosto do assaltante: é Fábio.

– Ei! Hã... pare! Fábio! Senhor Fábio! Espere! – grito, hesitante.

Para minha surpresa, ele não para. Acho até que acelera.

Solto um palavrão.

– Fábio! Não banque o idiota!

Um cadáver teria prestado mais atenção em mim do que o sujeito que eu chamava aos berros.

Nos filmes de ação que gosto de assistir, o perseguidor sempre consegue se aproximar do fugitivo. Curiosamente, não é o que acontece. Vale notar que um vampiro, mesmo cheio de catarro (eu não disse vampiro cátarro, esse tipo de criatura não é perfeita), pode colocar no chinelo um campeão olímpico. Coisa que estou longe de ser. O esporte nunca foi meu forte (sinto muito, Nelson).

Meus pulmões, aliás, começam a fazer um barulho estranho, a meio caminho entre o estertor e o sufocamento. Mas não perco Fábio de vista. Ainda não.

Ele também não parece muito bem. Talvez devido ao choque contra a vidraça. Talvez. Não importa, melhor assim. Na posse de todas as suas faculdades, teria me deixado para trás há tempo.

Meu celular toca furiosamente.

Amaldiçoo a tecnologia e aqueles que a utilizam em horas impróprias, atendo e solto um “Alô!” raivoso.

– *Jásper? É Ombe. Tudo bem?... Estou ouvindo um barulho estranho...*

Ombe? “A” Ombe? A garota absolutamente sublime há pouco chegada de Québec para se juntar ao ramo parisiense da Associação? A imagem de seu rosto iluminado por magníficos olhos azuis, emoldurado por uma delicada cabeleira loira e marcado por uma boca de lábios avermelhados surge diante de mim com tanta força que meu coração, a ponto de explodir, ainda consegue bater mais forte.

Tento controlar a respiração. Consigo apenas me engasgar um pouco mais.

– Tudo bem! Estou perseguindo... um suspeito... maior que... um guarda-roupa... Estou quase... alcançando... Ele não tem... nenhuma chance...!

– *Sei* – ela diz, num tom que não consigo entender direito. – *Jásper, preciso de uma informação. Como acabar com um Elemental da Terra?*

– Com um... Hã... – respondo, com minha típica agilidade mental. – Água... É preciso regá-lo com água... Por quê...? Você por acaso...?

O telefone fica mudo. Ombe desligou. Merda. Na minha frente, Fábio é que vai me deixar mudo. Merda e merda. Sei que posso continuar a conversa com Ombe mais tarde. Com Fábio, vai ser mais difícil.

Sem parar de correr, vasculho minha bolsa-carteiro. Preciso deter esse vampiro a todo custo.

Meus dedos se fecham sobre um emaranhado de fios que prendem grandes cabeças de alho. Deve funcionar. Pego minhas boleadeiras artesanais e giro-as acima da cabeça.

Pratiquei bastante. Consegui capturar todas as cadeiras do apartamento. Mas não tinha pensado que me veria obrigado a usá-las em movimento.

Cruzo os dedos (da outra mão, não preciso de desafios suplementares), lanço a arma sobre Fábio com um “Aham!” que hesita entre o assustado e o grotesco. Sei que não terei uma segunda chance.

As cabeças de alho rodopiam no ar, liberando uma fragrância característica que faz o vampiro virar o rosto (e gemer). Apesar de os livros espalharem muita besteira a respeito dos vampiros, é verdade que eles têm uma grande alergia ao alho e aos raios ultravioletas. Ficam inchados,

cobertos de placas vermelhas, e um edema de Quincke pode se revelar fatal na ausência de um anti-histamínico adaptado à constituição física deles.

Fábio se vira e tenta desviar do alho rodopiante. Ele tropeça numa pequena saliência da calçada e cai pesadamente enquanto minhas boleadeiras vão parar num contêiner de lixo.

O vampiro não tem tempo de se levantar: pulo em cima dele e o mantenho estendido no asfalto. Esfrego minha carteirinha de Agente da Associação na cara dele, para que saiba com quem está lidando e também para ganhar minutos indispensáveis para recuperar o fôlego.

– Sou o Áger Jaspente – acabo dizendo num fio de voz. – Quer dizer, o Agente Jásper. Me vi obrigado a detê-lo. Espero que não reaja com unhas e dentes.

Unhas e dentes... Patético. Na tribo dos “Uso todos os meus talentos para fazer amigos”, me destaco.

Falando sério, sou o rei dos trocadilhos ruins e dos jogos de palavras equivocados. É mais forte que eu, e o pior é que não preciso nem fazer força. Faço piadas como o senhor Jourdain* fazia prosa: sem querer!

Felizmente, nenhuma reação. Não ao chiste, à carteirinha. Que na verdade indica claramente que não passo de um Agente estagiário. E um Agente estagiário não tem nenhuma autoridade para prender um Anormal. Como um vampiro enxerga muito bem à noite, aquele ali deve realmente estar com algum problema para não pestanejar diante do E (de estagiário).

* O simplório personagem de Molière, de *O burguês fidalgo*, que se surpreende ao descobrir que a vida inteira falara em prosa sem o saber. (N.T.)

Tiro da bolsa-carteiro a garrafa de água que sempre levo comigo (estou sempre com a garganta seca, um horror) e tomo a metade para estancar um começo de tosse. Porcaria! A corrida no frio acabou com meus pulmões.

Pego o par de algemas totalmente fora do regulamento, coloco-as em Fábio e o obrigo a se levantar. Ele não esboça nenhuma resistência. No entanto, sou um peso-leve comparado a ele.

Eu não estava exagerando, quando falei com Ombe.

Fábio é sarado e tem cabelo comprido, preto, usa roupa de couro em estilo gótico. Não sou baixinho, mas ele é meia cabeça mais alto que eu e tem o peitoral duas vezes mais largo (sou do tipo fino e esguio, que os invejosos gostam de chamar de “magrão que cresceu rápido demais”). A única coisa que temos em comum é a palidez do rosto. A cor dos cabelos também, pretos como carvão (em mim, mais para o gênero juba rebelde do que cabeleira sedosa). E o gosto por roupas escuras.

Pensando bem, eu bem que poderia passar por um vampiro! Se fosse mais musculoso e se tivesse reflexos vermelhos nas pupilas.

Falando em reflexos... Quando cravo meus olhos (pretos) nos de Fábio, percebo que alguma coisa não bate.

Seus olhos estão fixos, ligeiramente enevoados.

O vampiro lembra os caras chapados que vejo em algumas festas. Festas que acabei deixando de frequentar, apesar das recomendações da Associação, que espera que seus Agentes se mantenham em sintonia com o ambiente. Ok, o fato de as garotas nunca se interessarem por mim, a não ser para rir, pesou bastante em minha decisão. Mas

não deixa de ser verdade que, quando frequentamos o mundo Anormal e vivemos com a adrenalina em alta, nos tornamos bastante difíceis em matéria de diversão.

– Ao que tudo indica, você não está em condições de falar – digo a Fábio. – Mas não posso deixá-lo fugir.

Penso rápido. Pensar é meu forte. Depois das piadas infelizes. Logo encontro uma solução.

– Vou trancá-lo em algum lugar – anuncio. – Até eu avisar a Associação, que se ocupará de você.

Olho para a rua para a qual a perseguição havia nos levado.

Deserta. Escura. Gélida.

Estremeço ao avistar uma porta metálica enferrujada, na altura da calçada. A entrada de um porão.

Testo sua resistência com um chute.

Ela aguenta firme. Perfeito!

Remexo de novo na bolsa-carteiro. Afasto os potes de óleos essenciais, puxo o herbário e encontro as caixinhas onde guardo os cristais em pó.

Suspiro, pensando em Harry Potter. Que maravilha se a magia fosse tão simples como nos livros! Um giro de varinha mágica, uma ou duas palavras em latim e pronto, a realidade se curvando a nossos desejos. Mas não é assim que funciona. Um carro não arranca só por girarmos a direção em todos os sentidos gritando “vrum! vrum!”. Ele precisa de combustível no tanque, uma chave para o contato, um impulso elétrico que provoque uma explosão, uma explosão que desencadeie o arranque.

Além disso, é preciso saber dirigir, é claro.

Com a magia é mesma coisa. É preciso provocar uma reação em cadeia para chegar a um resultado que se possa controlar. A começar pelo começo.

O começo, portanto. Verifico se Fábio não aproveitou meu devaneio para sair à vampiresa (hum).

Ele não se mexe.

Duro como uma vara (maneira de dizer).

Procuro na confusão sem nome que reina em minha bolsa-carteiro a caixa com a ametista triturada. Pego uma pitada, me aproximo da fechadura e assopro o pó no mecanismo.

Primeira etapa.

Entre outras coisas, a ametista é usada para abrir portas, desbloquear, desfazer tensões. Por isso a escolhi.

Poderia ter usado outras pedras, com as que levo no pescoço presas a um colar de proteção feito por mim mesmo e capazes de provocar interferências mágicas com tanta intensidade quanto as gozações de meus colegas de aula se o descobrissem. Melhor evitar umas e outras.

Agora que a chave certa está na fechadura, preciso de um contato.

A segunda etapa.

Aproximo o rosto da fechadura e falo com as partículas de ametista.

Ok, pode parecer loucura. Mas quando se quer alguma coisa, o mais fácil é pedir. Então peço à ametista que abra a fechadura, digo algo como:

– ԽԻՅԻՆԱ ՎԵՐԱ ԱՎՈՐՎԹ ՎԵՐԸ ԱՊՈՎԹ ԱՅ:
ԱՊԱ ԴՏԴԵՐԱԻ